

COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL: DA VISÃO TRADICIONAL À ABORDAGEM LINGÜÍSTICA

Maria do Carmo Melo Aguiar Neta ⁽²⁾, Maria de Fátima Benício de Melo ⁽³⁾
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos/MONITORIA

Resumo

O presente trabalho pretende enfatizar a necessidade de se estabelecer uma ligação entre as pesquisas lingüísticas e o ensino de língua materna nas escolas de ensino fundamental e médio, no que diz respeito à análise sintática. Visa, ainda, a analisar a eficácia de tal modo de ensino nas diversas situações de uso da língua. Diante do exposto, vem à tona a pergunta: como estabelecer esta ligação? E junto a ela surge um grande desafio para nós, professores, fazer com nossos alunos não se limitem, apenas, a classificações e nomenclatura, que por sua vez acabam por levar a um aprisionamento que impede uma visão mais nítida do modo como funciona a língua. Pelo contrário, saibam empregar as conjunções e preposições adequadamente, ao invés de memorizar o rol e o nome desses conectivos. Desse modo, ensinar análise sintática é contribuir para criação de condições para que o aluno compreenda o texto e o mecanismo de estruturação da frase, permitindo-lhe produzir textos escritos valendo-se de estruturas assimiladas em consequência da observação e do exercício.

Palavras-chave: Gramática tradicional, coordenação e subordinação, abordagem lingüística.

1. Introdução

O presente artigo pretende estudar os processos de coordenação e subordinação no português do Brasil. Para tanto, percebemos que se faz necessário e fundamental, para um bom entendimento desses processos, estabelecer as diferenças existentes entre a coordenação e a subordinação. Esta dependente sintática e semanticamente da oração principal; aquela independente do ponto de vista sintático, mas dependente no que diz respeito ao sentido (semântica).

Feito isso podemos avançar nossos estudos no que se refere à análise do período composto por coordenação e por subordinação em língua portuguesa. A fim de rever certas definições da gramática tradicional que muitas vezes por serem mal compreendidas por parte dos professores e dos alunos comprometem o aprendizado destes no que diz respeito a esse assunto. Em contrapartida, procuramos abordar alguns aspectos à luz das contribuições lingüísticas acrescentando a nossas análises elementos como a pragmática, a semântica, a intenção do falante, elementos que por serem postos de lado pela GT comprometem o entendimento do funcionamento da língua como um todo e suas possíveis variações a depender do contexto em que são produzidas.

¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.

2. Pseudo coordenação

De acordo com a gramática tradicional – GT, as orações coordenadas são apresentadas como independentes enquanto que as subordinadas são apresentadas como dependentes. No entanto, sabemos que tal definição é incompleta, uma vez que não esclarece com precisão em que aspecto ocorre a independência de tais orações, fato que compromete, muitas vezes, os exemplos utilizados pelo professor na tentativa de demonstrar tal evento para o aluno. Se observarmos os exemplos abaixo, poderemos verificar que, embora se trate de uma conjunção coordenativa aditiva, ora o **e** exerce um valor semântico de adição ora de adversidade ou oposição, respectivamente.

- (1) Ele comprou a passagem e partiu no primeiro trem.
- (2) Ele comprou a passagem e não viajou.

Estruturalmente, ambas as orações são independentes do ponto de vista sintático, entretanto em (2) há uma dependência semântica a qual permite aproximar o sentido do conectivo aditivo **e** ao do sentido adversativo do conectivo **mas/porém**. Inúmeras são as ocorrências em que o **e** extrapola seu sentido original de adição ou soma para exercer um sentido de conclusão, de simultaneidade, por exemplo:

- (3) Fui à festa de seu aniversário **e** posso dizer quem estava lá.
- (4) É um escritor clássico **e** romântico.

Em (3), o **e** exerce claramente o papel de uma conjunção coordenativa conclusiva podendo ser substituído por **logo/portanto/por isso**. Em (4), a idéia estabelecida é de simultaneidade que permite a substituição do **e** pela expressão **ao mesmo tempo** sem causar nenhum prejuízo, no que se refere ao aspecto semântico e sintático da oração.

Também as adversativas demonstram ter uma relação estreita com as orações subordinadas adverbiais concessivas. Sendo esta responsável por dar maior realce a oração dependente, ou seja, a opção por utilizar a subordinativa adverbial concessiva prepara o interlocutor para a informação seguinte que está contida na oração principal. Enquanto aquela transmite a idéia de oposição sem realçar a informação destinada ao interlocutor, isto é, não o prepara para a notícia que se segue. Observe os exemplos:

- (5) Estava atento, **mas** não percebeu nada.
- (6) **Embora** estivesse atento, não percebeu nada.
- (7) Estudou bastante, **porém** não passou nos exames.
- (8) **Apesar de** ter estudado bastante, não passou nos exames.

Apesar de em (5) e (7) termos orações coordenadas adversativas e em (6) e (8) termos orações subordinadas adverbiais concessivas, em todas elas está contida uma idéia de

oposição/ concessão. A partir dessa constatação, percebemos que as subordinadas são dependentes tanto do ponto de vista sintático quanto semântico, enquanto que as coordenadas apesar de serem sintaticamente independentes, são semanticamente dependentes.

Algo semelhante ocorre com as explicativas, sobretudo quando introduzidas pelo conectivo **que** e **porque**. Em virtude da afinidade semântica entre motivo e causa, é comum confundir-se **porque**, explicativa, com **porque**, subordinativa adverbial causal.

Na tentativa, nem sempre eficaz, de desfazer essa confusão a gramática tradicional sugere que:

- A oração coordenada explicativa:

– traz a explicação da declaração feita na oração anterior. Uma explicação vem sempre depois do fato que está sendo explicado.

(9) Ela tomou banho de mar, **porque** está com o cabelo molhado.

– é usada, com frequência, depois de orações que indicam ordens (modo imperativo), desejos ou opiniões, além de ser, normalmente, precedida de vírgula.

(10) Dissolva com cuidado a maisena, **porque** pode embolar.

(11) Desejo-lhe muitas felicidades, **que** você merece.

- Já a oração subordinada adverbial causal nos dá a causa do que se declarou na oração principal. Uma causa vem sempre antes da consequência que resulta dela. Vejamos:

(12) Não foi ao cinema **porque** chovia muito.

(13) Precisamos chegar cedo **porque** queremos assistir ao filme todo.

(14) Não terminei o trabalho **porque** estava com dúvidas.

Vale ressaltar que as orações subordinadas adverbiais causais, segundo a GT, não são, normalmente, precedida de vírgula.

Embora essas sejam as orientações contidas nas gramáticas escolares, elas não conseguem ser claras e objetivas o suficiente para permitir um bom entendimento do funcionamento das relações estabelecidas entre as orações, seja para o professor, seja para o aluno que a utilizam como ferramenta para seu trabalho e seu estudo, respectivamente.

Ao invés de se deter a detalhes não tão significativos como o uso ou não de vírgula entre as orações, seria mais proveitoso mostrar ao aluno essa relação de sentido que as aproxima. Pois mesmo que em (12) tenhamos uma oração subordinada adverbial causal não podemos deixar de destacar que intrinsecamente está contida uma idéia de explicação ou causa.

Fato semelhante acontece no exemplo abaixo:

(15) Professora, Pedro não veio à aula **porque** está doente.

Nesse contexto, tanto é coerente dizer que temos uma oração subordinada adverbial causal como também podemos afirmar que há um sentido intrínseco de explicação contida nessa oração. Se considerarmos a participação do colega de Pedro ao informar a professora da doença do aluno, fica evidente que tal informação tem o intuito de justificar a ausência do amigo durante a aula. Logo, a doença à qual Pedro foi acometido tanto expressa sentido de causa como também é utilizada para explicar/ justificar suas faltas na escola.

Talvez, em situações como essas, fosse mais relevante apontar como diferença a presença do verbo no imperativo para identificar a oração coordenada explicativa conforme orienta a GT, que usa esse critério no objetivo de sanar as dúvidas acerca da natureza da conjunção **porque**, que ora se apresenta como coordenativa explicativa ora como subordinativa adverbial causal. Tal preocupação da GT em desfazer esses equívocos, demonstra certo avanço das pesquisas e contribuições linguísticas nesse âmbito.

Vejamos alguns exemplos:

(16) Leve o guarda-chuva, **porque** vai chover.

(17) * **Porque** vai chover leve o guarda-chuva.

(18) Estude bastante, **porque** a data do exame se aproxima.

(19) * **Porque** a data do exame se aproxima, estude bastante.

(20) Desistimos de sair **porque** chovia muito.

(21) **Como** chovia muito, desistimos de sair.

Em (16) e (18) observamos tratar-se de uma oração coordenada explicativa, em (20) e (21) temos exemplos de orações subordinadas adverbiais causais. Em relação ao ensino das adverbiais causais, mostrar ao aluno a possibilidade delas ocorrerem tanto no início quanto no final do período parece ser um fato extremamente relevante no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de tal conteúdo curricular, pois permite com maior clareza diferenciá-la da coordenada explicativa. Uma vez que ao trocar de lugar, o que ocorre em (17) e (19), a oração explicativa causa certa estranheza no que se refere ao sentido, até porque como orienta a própria GT primeiro se declara algo para depois explicá-lo.

3. Considerações finais

Diante do que foi exposto, concluímos dizendo que a importância da análise sintática se evidencia na medida em que esteja voltada para a compreensão, a assimilação e o desempenho da língua escrita. Desse modo, a eficácia do seu ensino dependerá da metodologia empregada e da abordagem sempre vinculada ao texto. Pois é muito mais

importante que o aluno saiba utilizar as conjunções e preposições de forma consciente e adequada do que memorizar o rol e o nome desses conectivos. Logo, ao ensinar análise sintática estamos criando condições para que o aluno entenda o texto e compreenda o mecanismo de estruturação da frase, permitindo-lhe produzir textos escritos valendo-se de estruturas assimiladas em consequência da observação e do exercício.

Referências

DUARTE, Maria Eugenia. *Coordenação e subordinação* In: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. (Orgs.) *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 205-223.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1985. p. 16-25.

IGNÁCIO, S. E. *Por exemplo, o ensino da análise sintática*. Alfa, v. 37, p. 33-41, 1993.

D'AVILA, Suzana. *Gramática em prática: textos e exercícios*. São Paulo: Editora do Brasil, 2006.

CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.